

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

A VIDA DE PEDRO CEM



STÊNIO

João Martins de Athayde

Proprietárias: Filhas de José Bernardo da Silva

A Vida de Pedro Cem

Vou narrar agora um fato
que há cinco séculos se deu
de um grande capitalista
do continente europeu
fortuna que como aquela
ainda não apareceu

Pedro Cem era o mais rico
que nasceu em Portugal
sua fama enchia o mundo
seu nome andava em geral
não casou-se com rainha
por não ter o sangue real

Em prédios, dinheiro e bens
era o mais rico que havia
nunca deveu a ninguém
todo mundo lhe devia
balanço em sua fortuna
querendo dar não podia

Em cada rua ele tinha
cem casas para alugar
tinha cem botes no porto
e cem navios no mar
cem lanchas e cem barcaças
tudo isso a navegar

(2)

Tinha cem fabricas de vinho
e cem alfaiatarias
cem depósitos de fazenda
cem moinhos, cem padarias
e tinha dentro do mar
cem currais de pescarias

Em cada país do mundo
possuia cem sobrados
em cada banco ele tinha
cem contos depositados
ocupavam mensalmente
dezesseis mil empregados

Diz a historia onde li
a todo desse passado
que Pedro Cem nunca deu
uma esmola a um desgraçado
não olhava para um pobre
nem falava com criado

Uma noite ele sonhou
que um rapaz lhe avisava
que aquele orgulho dele
era quem o castigava
aquela grande fortuna
assim como veio voltava

Ele acordou agitado
pelo sonho que tinha tido
que rapaz seria aquele
que tinha lhe aparecido?
depois pensou: ora, sonho
é ilusão do sentido!

[3]

Um dia no meio da praça
ele uma moça encontrou
essa vinha quase nua
nos seus pés se ajoelhou
dizendo: senhor, olhai
o estado em que estou

Ele torceu para um lado
e disse: minha senhora
olhe sua posição
e veja o que fez agora
reconheça o seu lugar,
levante-se e vá embora

— Oh! senhor! por estesol
que de tão alto flutua
lembrai-vos que tenho fome
estou aqui quase nua
sou obrigada a passar
neste estado em plena rua

Ele repleto de orgulho
nem deu ouvido, saiu
a pobre ergueu-se chorando
chegou adiante caiu
vinha passado uma dama
que com seu manto a cobriu

Era a marquesa de Évora
uma alma lapidada
tirando seu rico manto
cobriu essa desgraçada
ela conheceu que a pobre
foi pela fome prostrada

(4)

Levante-se, minha filha
e pegou-lhe pela mão
dizendo à criada dela:
vá ali comprar um pão
que a essa pobre infeliz
faltou-lhe alimentação

Entregando-lhe uma bolsa
com 42 mil réis
apenas tirou dali
um diploma e uns papéis
não consentindo que a moça
se ajoelhasse aos seus pés

E com aquela quantia
ela comprou um tear
tinha mais duas irmãs
foram as três trabalhar
dali em diante mais nunca
faltou-lhe com que passar

Vamos agora tratar
Pedro Cem como ficou
e o nervoso que sentia
uma noite que sonhou
que um homem lhe apareceu
disse: olhe bem quem eu sou

Que tens feito do dinheiro
que tomaste emprestado?
meu senhor manda saber
em que o tens empregado
e por qual razão não cumpriu
as ordens que ele tem dado

(5)

Ele perguntou no sono:
mas que dinheiro tomei?
até aos próprios monarcas
dinheiro muito emprestei;
o vulto zombando dele
disse: quem tu és eu sei

—Que capital tinha tu
quando chegaste ao mundo?
chegaste nu e descalço
como o bicho mais imundo
hoje queres ser tão nobre
sendo um simples vagabundo

E metendo a mão no bolso
tirou dele uma mochila
dizendo: é essa a fortuna
que tu hás de possuí-la
farás dela profissão
pedindo de vila em vila

Pedro Cem zombando disse:
vai agoureira, te some
tua presença perturba
tua frase me consome
de qual mundo tu vieste?
diz-me por favor teu nome?!

—Meu nome, disse-lhe o vulto
és indigno de saber
meu grande superior
proibiu-me de dizer
apenas faço o serviço
que ele mandou fazer

Despertando Pedro Cem
daquillo contrariado:
ter dois sonhos quase iguais
ficou impressionado
resolveu contra-fazer
e ficar reconcentrado

Pensou em tirar por ano
daquella grande riqueza
sessenta contos de réis
e dar de esmola a pobreza.
depois refletindo disse:
não se dá maior fraqueza

Porque ainda que Deus
querendo me castigar
não afundará num dia
meus cem navios no mar
as cem fazendas de gado
custarão se acabar

As cem fábricas de tecidos
que tenho funcionando
os parrerais de uvas
que estão todos safreando
cem botes que tenho no porto
todo dia trabalhando

Cem armazens de fazendas
as cem alfaiatarias
as cem fundições de ferro
cem currais de pescarias
as cem casas alugadas
cem meinhos, cem padarias

E as centenas de contos
nos bancos depositados
e tudo isso em poder
de homens acreditados
ainda Deus querendo isso
seus planos serão errados

Pedro Cem naquela hora
estava impressionado
quando aproximou-se dele
o seu primeiro criado
e disse: aí tem um homem
diz vos trazer um recado

Mande que entre a pessoa
(ele ao criado ordenou)
era um marinheiro velho
chegando ali o saudou
- Que nova traz, meu amigo?
Pedro Cem lhe perguntou

Disse o velho marinheiro:
venho vos participar
que dez navios dos vossos
ontem afundaram no mar
morreram as tripulações
só eu me pude salvar

- Que navios foram esses?
perguntou-lhe Pedro Cem
respondeu-lhe o marinheiro:
foi «Tejo» e «Jerusalem»
o «Douro e Penafiel»
e os outros eu não sei bem

(8)

Aquele ainda estava ali
outro portador bateu
o empregado das vacas
contou o que sucedeu
incendiaram o mercado
e todo gado morreu

Pedro Cem nada dizia
ficando silencioso
apenas disse: na terra
não há homem venturoso
quem se julgar mais feliz
é pior que cão leproso

Chegou outro portador
o empregado da vinha
disse: o depósito estourou
vazou o vinho que tinha
Pedro Cem disse: meu Deus
que sorte triste esta minha!

Saiu aquele entrou outro
um cônsul norueguês
disse: nos mares do norte
andava pirata inglês
noventa navios vossos
tomou ele de uma vez

Meu Deus! Meu Deus! o que fiz?
exclamava Pedro Cem.
não há homem nesse mundo
que possa dizer: vou bem
quando menos ele espera
a negra desgraça vem

(9)

Dos cem navios que tinha
alguns foram afundados
e outros pelos piratas
nos mares foram tomados!
acrescentou a pessoa:
vinham todos carregados

Ali mesmo vinha o mestre
do navio «Flor do Mundo»
esse fitou Pedro Cem
com um silencio profundo
depois disse: senhor marquês
dez barcaças foram ao fundo

Quatro vinham carregadas
com bacalhau e azeite
duas vinham da Suécia
com queijo, manteiga e leite
de todas as mercadorias
não tem uma que aproveite

Quatro das dez que afundaram
traziam pérolas e metal
só da Ilha da Madeira
vinha um milhão de coral
topázio, rubi, brilhante
ouro, esmeralda e cristal

Pedro Cem baixou a vista
nada pode refletir
exclamou: que faço eu?
devo deixar de existir
mas matando-me não vejo
isso onde pode ir!

Chegou o moço do campo
tremendo muito assustado
e disse: senhor marquês
venho aqui horrorizado
deu a murrinha nas ovelhas
e mal triete em todo gado

Naquele momento entrou
um rapaz auxiliar
esse puxando um papel
disse; venho procurar
tudo quanto se perdeu
na barca «Ares do Mar»

Pedro Cem perguntou quanto?
tirou o moço uns papéis
que se lia entre brilhantes:
pulseiras, colares, anéis
um milhão e quatrocentos
e vinte contos de réis

Entrou outro auxiliar
disse: eu quero o pagamento
por tudo que se perdeu
no navio «Chave do Vento»
que vinha da America do Norte
com grande carregamento

Chegou um tabellão
-Dar licença senhor marquês?
venho lhe participar
que o grande banco francês
dois alemães e três suíços
quebraram todos de vez

—Lá se foi minha fortuna
(exclamava Pedro Cem)
ontem fui milionário
hoje não tenho um vintem
só mesmo na campa fria
eu hoje estaria bem!

Dando balanço nos bens
quis até desesperar
tudo quanto possuía
não dava para pagar
nem pela décima parte
os prejuizos do mar

Exclamava: oh! Pedro Cem
que será de ti agora?!
o pouco que me restava
a justiça fez penhora!
Pedro Cem de agora em diante
vai errar de mundo a fora!

Cumprir esta sorte dura
que a desventura me deu
talvez muitas vezes vendo
aquilo que já foi meu
em lugar que não se saiba
quem neste mundo foi eu

All no terraço mesmo
forrando o chão se deitou
às onze e meia da noite
no sono conciliou
no sono sonhando viu
o rapaz que lhe falou.

Aquele perguntou: Pedro
como se foi na empresa?
já estais conhecendo agora
quanto é grande a natureza?
conheceste que teu orgulho
foi quem te fez a surpresa?

Metendo a mão na algibeira
dali um quadro tirou
onde havia dois retratos
que a Pedro Cem os mostrou
- Conheces estes retratos?
o rapaz lhe perguntou

Via-se naquele quadro
uma dama bem vestida
Pedro Cem disse por sonho:
essa é minha conhecida
a outra uma moça pobre
com fome no chão caída?

Perguntou-lhe o rapaz:
quem é essa conhecida?
- É a marquesa de Évora
- É esta que está caída?
- Essa é uma miserável
dessa classe desvalida

O rapaz puxou outro quadro
verde da cor de esperança
onde se via um monarca
suspensando uma balança
estava pesando nela
caridade e confiança

Mostrou-lhe mais 4 quadros
que Pedro Cem conheceu,
tinha a marquesa de Évora
quando a bolsa a pobre deu
que estirou a mão dizendo:
toma o dinheiro que é teu

No quadro via-se um anjo
assim nos diz a historia
com uma flor onde se lia:
«Jardim da Eterna Glória»
presenteada por Deus
esta palma da vitoria

Quem planta florestem flores
quem planta espinho tem espinho
Deus mostra ao espirito fraco
o que nega ao mesquinho
a virtude é um negocio
a boa ação um pergaminho

Depois que ele acordou
triste e impressionado
interrogava a si próprio:
porque sou tão desgraçado?
achou na cama a mochila,
a que ele tinha sonhado

- Será esta a tal mochila
que o fantasma me mostrou?
é este o homem que em sonho
em desespero exclamou
na noite que a cruel sina,
em sonho me visitou?

De tudo restava apenas
a casa de moradia
essa mesma embargaram
antes de findar-se o dia
então disse Pedro Cem:
cumpriu-se a tal profecia!

Lançando a mão na mochila
saiu no mundo a vagar
implorando a caridade
sem alguém nada lhe dar
por umas 5 ou 6 vezes
tentou se suicidar

Ele dizia nas portas:
uma esmola a Pedro Cem
que já foi capitalista
ontem teve hoje não tem
a quem já neguei esmola
hoje a mim nega também

Foi ele cair com fome
na casa daquela moça
quando foi a porta dele
com fome, fria e sem força
que ele não quis olhá-la
e a marquesa deu-lhe a bolsa

A criada o viu cair
exclamou: minha senhora
anda ver um miseravel
que caiu de fome agora!
—Onde? perguntou a moça
Ana lhe disse: ali fora

A moça disse a criada
que trouxesse leite e pão
aproximou-se dele
disse: o que tens meu irmão?
bateste em todas as portas
não encontraste um cristão?

Senhora! se vós soubesse
quem é este desgraçado
não abriria a porta
nem dava esse bocado,
respondeu ela: o conheço
porem esqueço o passado

Recordo-me que a marquesa
fez minha felicidade
viu-me caída com fome
teve de mim piedade
deu-me com que comprar um pão
e esta propriedade

Pedro Cem se levantou
disse: obrigado, e saiu
andando duzentos passos
tombou em terra e caiu
e umas frases tocantes
em alta voz preferiu:

Vai unir-se a terra fria
o que não soube viver
soube ganhar a fortuna
mas não a soube perder
se tenho estudado a vida
tinha aprendido a viver

Foi como a corrente d'água
 que pela serra desceu
 chegou o verão secou
 ela desapareceu
 ficando só os escombros
 por onde nágua correu!

Eu tive tanta fortuna
 não socorri a ninguém
 e todos que me pediram
 eu nunca dei um vintem
 hoje eu preciso pedir
 não há quem me dê também!

Não desespero, pois sei
 que grande crime expio
 nasci em berço dourado
 dormi em colchão macio
 hoje morro como os brutos
 neste chão sujo e frio

Foram as últimas palavras
 que ele ali pronunciou
 Margarida aquela moça
 que a marquesa embrulhou
 botou-lhe a vela na mão
 ele ali mesmo expirou

A justiça examinando
 os bolsos de Pedro Cem
 encontrou uma mochila
 e dentro dela um vintem
 e um letreiro que dizia:
 «ontem teve hoje não tem»

FIM — Juazeiro--23--4--1977

Permutado c/ F. Maxcedo

578
Literatura de Cordel

José Bernardo da Silva Ltda.

Grande variedade de folhetos e orações.

R. Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

mercado S. José—Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

ANTONIO ALVES DA SILVA

Rua Clodoaldo de Freitas, 707
Terezina Piauí

JOÃO SEVERO DA SILVA

Travessa Dr. Carvalho, 70 — Bayeux
R. Silva Jardim, 836 — João Pessoa-Pb
R. Rua Sátiro Dias, 1457

Alecrim — Natal — R N.

MARIA JOSÊ SILVA ARRUDA

QE 24 — Conjunto D — Casa 9
Guará 2 — Brasília — DF

SEVERINO JOSE' DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695
Lote 4, final de Onibus, 745 Cascadura
Bangu — Rio de Janeiro — RJ

ARTHUR PEREIRA DE SALLES

Av. Santana do Ipanema, 315
Bairro Cruz das Almas — Maceló — Al.